

A FAMÍLIA E A SOCIEDADE DE CONSUMO

Thales de Souza Campos

Desde os primórdios da sociedade, o ser humano teve necessidade de organizar-se economicamente para viver ou sobreviver em comunidade.

A família, que é a célula *mater* da sociedade, participa deste contexto como personagem fundamental neste mercantilismo.

No livro *Riqueza das Nações*, Adam Smith deixa clara a necessidade de valorizarmos, com supremacia, a mão-de-obra em relação ao capital.

O americano **Gerry Backer**, prêmio Nobel da Paz em Economia, no ano de 1992, que escreveu a **Teoria Econômica do Casamento**, ressaltou que as palavras **investimento e lucros** têm mais importância no casamento que o **encontro e romances**, quando o homem e a mulher se propõem a unir-se.

Ao casarmos, temos dúvidas se assinamos um compromisso de vida, ou um livro de contabilidade, porém Backer, que desenvolveu a curva em que cruzam-se **Afetos e Interesses**, por alguns chamado de gênio e por outros chamado de louco,

argumenta que quando casamos, assinamos as duas coisas.

A globalização da economia levará a sociedade de consumo (famílias) a aumentar seus endividamentos, preocupada com o modismo.

O mercantilismo na família inicia-se desde o namoro, que pode ser espontâneo ou estimulado pelas famílias, com a finalidade de agruparem as fortunas.

Quando espontâneo, a depender do casal, inicia-se um planejamento a **curto, médio** ou **longo prazo**, de acordo com a situação, buscando na sociedade de consumo o modismo da ocasião, passando ou não por noivado, em que a cultura e a religião instituem a compra de um bem material (ouro) para simbolizar o elo da união entre os casais.

Neste período, que deveria ser de diálogo, para chegar ao casamento, passa-se pelas mais variadas situações de mercantilismo e/ou consumismo, de acordo com oferta e demanda de mercado.

Na conclusão da união, há várias formas de unir-se os patrimônios, comunhão de bens, comunhão parcial de bens ou separação de bens, os mais usuais.

Na hipótese de Backer, o bem estar da família ou a manutenção deste casamento pode ser transformado em uma sociedade ou uma empresa complexa de se administrar, em que poderemos ter sucesso, quando a soma dessa produção conjunta (homem e mulher) for maior do que um deles consegue sozinho.

Uma ministra da economia não deu conta de exterminar a inflação brasileira, mas conseguiu, com os seus conhecimentos econômicos, organizar a vida de um grande comediante, que já tinha desfeito 4 casamentos (Chico e Zélia), nascendo daí a união “perfeita”, segundo a imprensa nacional.

Comercializou-se de tal forma o casamento, que existem seres humanos pagando para “agências de matrimônio” paquerar em seus lugares.

Com a chegada dos filhos, quando é o caso, a complexidade econômica aumenta, desde o mercantilismo com os seguros saúde privados (já que o governo não dá conta), para o pré-natal até as vultosas despesas para a manutenção de um filho em qualquer curso superior, público ou privado.

Para os aniversários, principalmente dos filhos, desde o primeiro até o de 15 anos, a depender da moda, o consumismo é sempre superior à possibilidade da família, geralmente provocando endividamento para satisfazer os preconceitos da **sociedade de consumo**.

As inovações tecnológicas criaram “necessidade” e provocaram uma corrida consumista na família, ao ponto de tornar as residências verdadeiras naves espaciais, de forno micro-ondas a telefonia celular.

O comodismo da sociedade, absorvido pelas famílias, leva o governo ao descontrole. O Brasil já elaborou 14 planos econômicos, após 1964, com a finalidade de exterminar a inflação de nosso país.

O conflito econômico na família aumenta quando chega ao fim um relacionamento que, por falta de base, acabou, transformando a vara civil em campo de batalha, quando os bens são vultosos. Neste momento, o amor que pensavam ter fica de lado; o importante é a conta da partilha dos bens.

Existem momentos de tristeza na família, por exemplo na morte, em que a sociedade de consumo transforma em conflito econômico, quando a herança deixada pela família é mal distribuída ou existe usura por parte dos herdeiros.

O imediatismo da **sociedade de consumo** transforma as famílias em classes “**pobre, média e rica**”, motivando o disparate de poder aquisitivo das mesmas, tendo em vista a má distribuição de renda existente no mundo, aliada à péssima qualidade de vida.

Os meios de comunicação, que poderiam ser usados como grandes prestadores de serviços à família, são os maiores incentivadores do consumo, proporcionando, muitas vezes, a compra de bens supérfluos, comprometendo ainda mais o orçamento familiar.

As várias atividades do dia-a-dia da família, natal, batizados, casamentos, aniversários, etc..., tudo colabora para o endividamento familiar, se não tiver controle com o consumismo. São fundamentais estas atividades, porém tem que haver moderações, para evitar o consumismo e a possível desagregação familiar.

Mas,

*“(...) apesar de todos os desrespeitos que a família enfrenta, em termos econômicos e demais problemas, percebemos que não é uma instituição falida, pelo contrário, deve ser auxiliada para que seja a semente de uma sociedade mais igualitária, onde todos tenham direito aos **bens necessários à vida** e de bem administrá-los. É certo que uma boa administração econômica no lar é indispensável, mas mais do que isso, o acesso aos bens necessários para o bem estar da família é de maior urgência” (Pe. Dionísio/Palotino : 1993).*

Na condição de economista e interessado no **bem estar da família**, concluo que o único caminho para conduzir a sociedade a dias melhores passa pela organização em planejamento de médio e longo prazo, evitando o imediatismo e o consumismo desnecessários.

A irresponsabilidade da sociedade de consumo e governo proporcionou o nascimento da insegurança, “inchaço” das periferias, transformando os grandes centros urbanos, após o êxodo rural, em verdadeiros campos de batalhas, como exemplo o Rio de Janeiro/Brasil e outros lugares do planeta Terra, em que os seres humanos devoram-se em conflitos de toda ordem.

Com este quadro, regiões diversas apresentam problemas de abandono, principalmente das crianças e adolescentes que, à procura de dias melhores e até incentivados pelos pais, deslocam-se para as ruas, **tornando-se menores abandonados ou delinqüentes.**